

O EFEITO PATÊMICO NA FORMAÇÃO DE PALAVRAS: EXPRESSIVIDADE E INTENCIONALIDADE DISCURSIVA

Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal (UERJ)

pilarcordeiro@hotmail.com

Viviane Mara Vieira Cardoso (UERJ/CPII)

vivimaravc@gmail.com

RESUMO

A necessidade de comunicação e interação linguística suscita no falante a obrigação de criar novas palavras. Isso não apenas para ampliar seu léxico, mas também, para suprir uma carência imposta pela própria interação social. Dessa maneira, quando não há elemento lexical que cumpra o papel em determinado momento discursivo, o falante cria novos vocábulos ou toma por empréstimo em outras línguas. A partir disso, este trabalho tem como proposta discutir a produtividade emotiva na formação de palavras. Para tanto, o trabalho abordará o que é e como surgem novas palavras no léxico do português. Sendo assim, utilizamos por alicerces diversos teóricos a respeito do tema, fazendo, portanto, uma revisão das atuais abordagens sobre neologismo. Por fim, discutiremos como a emoção, isto é, o *pathos* pode estar inserido no discurso e perpassam pela formação de palavras e sua intencionalidade.

Palavras-chave: Neologismo. Emoção. Discurso.

1. Introdução

A produtividade lexical de um falante é tão numerosa quanto é a necessidade proveniente da interação comunicativa. Nessa interação, os sujeitos comunicantes criam e recriam palavras, frases, textos e discursos com propósitos intrínsecos de atuar sobre o seu interlocutor. Assim, a cada tentativa de tomada de turno, há necessidade de fazer o TU destinatário mudar seu comportamento e ideia. Assim também, é maior e mais expressiva a criatividade se mais perto o falante estiver de seu objetivo.

Partindo desse mesmo conceito, os textos escritos sugerem maior ou menor força argumentativa. Ela, no entanto, nunca se desvencilha do discurso, isto é, sempre está presente nos textos diversos, principalmente, se o caso for de textos que tenham por objetivo primeiro da argumentação. Dessa forma, os textos midiáticos usarão em maior grau efeitos expressivos a fim de seduzir o seu interlocutor com estratégias que visam à emoção e à adesão de um possível consumidor. Em casos de textos jornalísticos, algo parecido ocorre aos leitores, mas, neste caso, são ideias e

opiniões que serão comercializadas.

É em meio a esse jogo de sedução e persuasão midiática que surgem, diariamente, palavras novas incorporadas ao vocabulário específico do jornalismo. Muitas vezes, esses elementos têm sua origem em expressões e usos populares. Outras vezes, são criadas pelos próprios jornalistas e demais escritores para suprirem uma necessidade cunhada pela interação e pela escrita. Isso significa que as dinâmicas sociais introduzem a demanda argumentativa – persuasiva e, por isso, sugerem novos itens para atender essas necessidades.

É nesse ponto que nosso trabalho está situado, na demanda gerada através das atuais discussões e criações neológicas em tempos de grande eloquência no meio virtual a respeito de debates que antes eram tabus para a sociedade. Por isso, selecionamos um artigo publicado na revista veja online no qual surgem alguns neologismos que ainda são alvos de grande polêmica social.

Neste trabalho, portanto, iniciaremos as discussões a respeito de como surgem os neologismos e de que forma esse assunto vem sendo abordado dentro da morfologia a partir dos estudos de Valente (2012), Henriques (2011), Alves (2011) e outros que sugerem classificações e esclarecem-nos as dúvidas a respeito desse processo linguístico.

Na segunda parte, abordaremos a emoção produzida no discurso jornalístico. Para isso, basear-nos-emos nas propostas de Charaudeau (2010) e Plantin (2010) e suas perspectivas sobre efeito patêmico no discurso midiático e essa como estratégia argumentativa.

Por último, direcionaremos nossos esforços para análise do artigo proposto a título de exemplificação no nosso trabalho. A primeira proposta de análise será de apresentação de verbetes dos neologismos, consultados nos dicionários: Houaiss, Aurélio e no VOLP (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*). Juntamente a essa consulta, apresentaremos uma proposta de análise mórfica orquestrada a partir dos conceitos aqui definidos.

Na segunda parte de nossa análise, enfocaremos nossa discussão para emoção discursiva no texto produzido pelo jornalista Reinaldo Azevedo, tendo em vista que é esse o autor cujo texto é objeto de estudo. Nessa análise, discutiremos a produtividade emotiva na criação de novos elementos lexicais, isto é, nos neologismos, além da possível intencionalidade subjetiva provocadora de efeito patêmico no discurso.

Finamente, na última parte do trabalho apresentaremos as conclusões a que chegamos sobre as nossas hipóteses formuladas antes mesmo da pesquisa se concretizar em: a criação de novas palavras depende não somente da necessidade linguística, mas também, do efeito de sentido que se deseja produzir no sujeito interpretante.

2. - O fenômeno do neologismo

2.1. Criação neológica

O falante cria palavras para atender às necessidades diárias de interação comunicativa e também expressivas. Assim, esses novos itens surgem por meio de um propósito interacional discursivo, mas sempre obedecendo a critérios extremamente formais impostos pelo próprio sistema linguístico.

Dessa mesma forma, essas novas palavras (nunca antes atestadas em dicionários ou manuais) se incorporam basicamente de duas maneiras no léxico da língua: por empréstimo linguístico ou por criação. Nesse sentido, Henriques (2013) e Bechara (2004) chamam atenção ao fato de os empréstimos de outras línguas também configurarem-se como neologismos. Esses neologismos não só ampliam o léxico, mas também, o revitalizam-no por meio das transferências de prefixos, preposições, ordem de palavras. Cláudio Cezar Henriques ainda subdivide os neologismos em três grandes tipos: os neologismos formais ou lexicais, estrangeirismos e neologismos semânticos.

O falante, portanto, tem consciência da criação do novo vocábulo, pois ativa os morfemas, elementos esses pertencentes à cadeia fechada do sistema linguístico, para criar novos componentes lexicais. A partir disso, para esse novo vocábulo ser incorporado ao léxico, não basta apenas sua criação seja atenta às normas linguísticas do sistema, mas, sobretudo, é necessário que haja aceitação desse item por toda a comunidade falante. É dessa forma, então, que um neologismo passa a atingir diversos propósitos além do fundamental que é apresentar um vocábulo novo onde não existia outrem para suprir carência comunicativa, mas também, atingir objetivos discursivos, estilísticos e sociais.

Valente (2012) salienta para que se tome cuidado de que o novo artefato lexical não ser discriminado com erro. Ou em outro caso, a nova criação vocabular não apresentar traço semântico distintivo único que permita ser um dia incorporado ao corpo léxico. Isso significa que em ca-

so de ocorrência de criação vocabular inédita, mas que, no meio linguístico, exista outro item que supra tal necessidade ou apresente características semânticas aproximadas, não será, então bem aceito o vocábulo. Nesse caso, então, é provável que a comunidade falante não aceite tal neologismo e esse seja adicionado à língua como erro.

Alguns autores não distinguem as diferenciações existentes entre as nuances diversas apresentadas por um novo vocábulo ou não demandam esforços para esse direcionamento. Assim, é possível que se difunda a crença que apenas criações esdrúxulas sem motivos aparentes e óbvios são novos itens lexicais. Quando, na verdade, há diversas formas que se pode conceituar um neologismo e que sua criação normalmente é baseada em itens já existentes na língua e sugerem analogia a outros vocábulos, por vezes, menos complexos.

Cunha (1985), por exemplo, apresenta uma sistematização clássica na seção que compreende a abordagem sobre formação de palavras. Dessa maneira, a menção à criação de novas palavras pelos processos formadores não é objeto de estudo do autor; entretanto, ele apresenta segmentação topicalizada dos processos de hibridismo, onomatopéia, abreviação vocabular e sigla, sem deixar claro que esses também são processos englobados na composição e derivação vocabular e, por vezes, neológicos. Acreditamos que, por não haver esclarecimentos quanto a isso, outros autores à sua semelhança não dão pareceres sobre o tema ou sistematizam os processos acima como novos processos de ampliação lexical na língua, como muitos atestam o fenômeno neológico.

Quanto a Azeredo (2013), não menciona em específico o fenômeno em seu livro atual diretamente, como fazem os autores de manuais didáticos. O autor se atém à formação de palavras em linhas gerais, dando enfoque ao processo pelo qual se deriva ou compõem os itens do léxico no português, mas não direciona esforços específicos a esse propósito.

Alves (2011), por sua vez tem demandado grandes esforços a esse respeito, tanto que apresenta estudo conceitual a respeito do assunto. A autora sistematiza alguns tipos de neologia como: *neologia fonológica*, *neologia sintática* (derivação, composição, formação por siglas, composição sintagmática), *neologia semântica*, *neologia por empréstimo*, *conversão*, entre outros processos. Dentre as possibilidades atestadas por ela direcionaremos nossos ânimos às apresentações de neologismo sintático. Esse é também o processo pelo qual se apresentam um novo item lexical.

Com efeito, podemos dizer também que a criação de novos itens

lexicais é comum e necessária ao propósito evolutivo da língua, pois é dessa maneira, que se dá a expansão do léxico. Assim, é possível atingir um dos objetivos do sistema que é contemplar a dinamicidade da língua e das interações humanas, como atesta Basílio (2013):

Mas um conjunto fechado de designação não é suficiente. Como estamos sempre (re) produzindo e (re) conhecendo novos seres, objetos e relações, precisamos de um sistema dinâmico, capaz de expandir medida que se manifesta a necessidade de novas unidades de designação para novos objetos (...) a partir dessas novas unidades de construção de enunciados. (p. 9)

Ainda segundo Basílio (2013), os novos itens lexicais são acessados numa memória virtual existente na língua. De tal modo, não se sobrecarrega a memória real do falante. Nesse sentido, o léxico mental, em grande maioria, seria apenas acessado em ocasiões específicas, pois são residentes em outras classes virtualmente. Isso significa que o *léxico provê* estruturas para o aproveitamento de uma classe para a formação de uma equivalente em outra.

Dessa maneira, os novos itens lexicais surgem por meio do acesso ao sistema linguístico do falante. Esse por sua vez, utiliza as formas presas como base a sua criação e, assim, veicular o sentido pretendido e as formas livres. Isso significa que boa parte das novas palavras que surgem se dão a partir do material já existente na língua.

A respeito desse processo de aquisição de novas palavras Gonçalves (2011, p. 54) tem a seguinte afirmação: “A derivação cria vocábulo novo, isto é, está a serviço de uma palavra nova. A flexão, ao contrário, representa diferentes formas de uma mesma palavra não criando, por isso, vocábulo novo”. Devemos, no entanto, chamar atenção ao fato que para atingir propósitos estilísticos, é possível que essa estabilidade na formação proposta por Gonçalves (2011) não seja cumprida à risca.

2.2. Neologismo sintático e neologismo formal

Para nossa perspectiva de estudo, faz-se necessário um recorte de enfoque de investigação. Por esse motivo, apreciaremos com maior profundidade a questão dos neologismos formais, chamados por Ieda Maria Alves de neologismos sintáticos. Além disso por esse ser recurso frequentemente revisitado para a construção dos múltiplos sentidos dados em textos midiáticos.

Henriques (2011) classifica de forma geral os neologismos por

composição e derivação neologismos lexicais ou formais. Ele ainda afirma que as formações neológicas podem seguir diversos critérios, mas que a maneira mais comum são a inspiração em outras palavras. Assim o chamado *neologismo sintático* para Alves (2011) se apresentará como *cruzamento morfológico* para Henriques (2011).

O cruzamento morfológico atestado por Cláudio Cezar Henriques é subdividido em dois tipos. No primeiro tipo, a composição de novos elementos se dá com a união de uma base mais um afixo ou com a união de bases lexicais. Este se aproxima de outro processo parecido que é o *epônimo*, ou seja, é o resultado de um processo metonímico que estabelece uma relação de contiguidade para criação de novas palavras a partir de nomes antropônimos. Podemos citar como exemplo atual o verbo criado por um participante do reality show Big Brother Brasil 11 o verbo “marimar”. Esse verbo foi criado para “homenagear” a participante Maria Melilo que constantemente não entendia as brincadeiras, ironias e anedotas a seu respeito.

No segundo tipo de cruzamento morfológico, há a reunião de duas bases lexicais, mas uma delas perde por aglutinação parte do elemento silábico. A primeira delas perde a parte final da palavra e a segunda palavra perde a parte inicial da palavra. Para esse temos como exemplo a palavra que atualmente está em pauta de discussões diversas, principalmente nos movimentos sociais, que é “feminicídio”. Claramente o exemplo une a parte inicial da palavra *feminino* + *cídio*, original de homicídio.

Ieda Maria Alves, por sua vez, considera que no processo de formação de palavras tem diversas vertentes. No caso da utilização de afixos, isto é, prefixos e sufixo, este é um processo sintático que se dá por meio da composição coordenativa e subordinativa e pelas siglas ou acrônimos. A autora acrescenta também ao processo sintático de formação neológica a combinação de radicais. Para ela, esses neologismos são inenunciáveis, ou seja, possuem grande produtividade de itens.

O processo é assim chamado porque a combinação de seus elementos constituinte não está limitada apenas ao âmbito lexical, mas também ao nível frásico, pois havendo uma alteração na classe gramatical da palavra-base, ao ser acrescentado um prefixo ou um sufixo. Exemplo que podemos acrescentar ao pensamento de Alves (1990) é a palavra usada por Marina Silva após a não consolidação de seu novo partido, A REDE, ela se autodeclarou uma “sem-partido”. Notemos, então que esse item cumpre as proposições do neologismo sintático, já que se conjuga através

da derivação prefixal ligada à palavra base através de hífen conforme a nova ortografia.

Finalmente, podemos dizer que os prefixos são extremamente expressivos quando aderidos ao radical, pois sugerem significação nova ao radical como é o caso da palavra “partido” que acrescida do sufixo “sem” passou a ter a valor de “ausência de”, ausência de algo que antes era presente, havia um todo.

Adiante, falaremos mais a respeito do sentido produzido nas junções das bases lexicais.

3. *Efeito patêmico no discurso*

A motivação para a produção lexicológica numa língua é diversa, como já dissemos, principalmente, tendo em vista as múltiplas capacidades de um sistema linguístico e de seu falante. As motivações, no entanto, que permeiam o discurso midiático, em geral, na organização vocabular e na criação de novos itens surgem, em maioria das vezes, a partir de uma necessidade argumentativa impulsionada por outra, a persuasiva.

As criações linguísticas, portanto, são produzidas sob a influência do contexto sociodiscursivo. Entendemos por esse conceito o conjunto de crenças e valores que permeiam o ambiente de um indivíduo. Assim, ao mesmo tempo, a criação neológica é individual e também coletiva como o próprio signo linguístico.

Igualmente, da necessidade de adesão do interlocutor se dão os múltiplos recursos emocionais para se direcionar um determinado ponto de vista. Com efeito, surgem em meio aos debates, notícias e textos afins, itens vocabulares novos. Isso ocorre porque, naquele momento enunciativo, as palavras existentes no léxico não são suficientes para abarcar a emoção ou efeito de sentido que se deseja suscitar no interlocutor. Somado a isso, reside o fato que não é necessário o sujeito comunicante esteja realmente emocionado, mas que pareça tal coisa.

É nessa perspectiva que, já há algum tempo, o discurso jornalístico vem se despidendo da formalidade antes vigente nas redações. O estilo desses modos discursivos, em geral, tem sido voltado ao resultado causado no leitor idealizado. Por esse motivo, o efeito de sentido provocado por palavras novas será tão ou mais expressivo que as já existentes no léxico, pois é por meio dessa produtividade intencional que se contemplará

de forma plena a intenção prevista. Plantin (2010) salienta seguinte observação a respeito dos chamados instrumentos de retórica do *pathos*:

Na impossibilidade de mostrar, utilize meios cognitivos- linguísticos. Se você não pode mostrar nem o objeto, nem o filme, então descreva estes objetos e estes eventos emocionantes; não somente descreva, mas *amplifique estes dados emocionantes!* Utilize uma linguagem que tenda exacerbar os fatos indignos, cruéis, odiosos. (p. 66)

Podemos dizer, então, que os neologismos usados no discurso jornalístico cumprem o propósito na *mise-en-scène* comunicativa; já que além de minuciosamente pensadas para adequação ao sistema linguístico, também, provocam não apenas um efeito patêmico no sujeito destinatário como também argumenta a favor do ponto de vista do enunciador.

A argumentação é parte do ato comunicativo, pois segundo Charaudeau (2010) é a necessidade inerente de agir sobre o interlocutor. Assim, todo ato de interação comunicativa é uma tentativa de convencimento do *Tu destinatário*, é a tentativa de persuadir, seduzir esse *Tu*. Nesse jogo de sedução jornalístico, os elementos linguísticos são fundamentais à produção de cólera, indignação, compaixão etc.

Outro elemento usado para compor a emoção no discurso jornalístico é parecer ao interlocutor, alvo da emoção, aquilo que o Eu enunciadador deseja. Esta é a faceta de uma tópica da emoção, isto é, um conjunto de fatores socialmente partilhados por indivíduos de uma mesma comunidade. Isso significa que determinado fato ou acontecimento possuem interpretações ou efeitos provocados diferentes a partir dos conhecimentos e cultura partilhados, conforme atesta Charaudeau (2010): "É pelo fato das emoções se manifestarem em um sujeito a propósito de algo que ele representa para si que elas podem ser nomeadas de intencionais". (p. 28)

Notemos, então, que o efeito patêmico que se deseja influir no interlocutor passa pela tópica. No caso do artigo jornalístico que analisaremos, a tópica da emoção, frequentemente explorada pela mídia, será acompanhada também da tópica da "antipatia" Charaudeau (2010) nos diz que "o sujeito está ao mesmo tempo em estado de indignação e em comportamento de denúncia do responsável pelo sofrimento de outro".

Além disso, as representações por serem sempre sociodiscursivas são também grandes representantes do pensamento do indivíduo e, por isso, representante de um sujeito. Assim se o sujeito vivencia um determinado estado de coisa de ordem afetiva, ele tenderá a carregar consigo

essa carga afetiva. Portanto, quando, nas suas trocas comunicativas estabelecerá com seu parceiro esses mesmo conceitos que consigo carregam.

Outro fator ao qual nós devemos atentar são as seleções lexicais dos sujeitos enunciadore. Se não nos cabe à identificação da origem da emoção no indivíduo, devemos nos voltar, pelo menos, para a linguagem que esse produz; já que é este objeto de estudo linguístico. Dessa forma, é possível dizer que algumas palavras ou expressões podem vir a causar no destinatário maior ou menor grau emotivo. Isso por que não é necessariamente o que é dito que é passível de carga patêmica, mas sobretudo, como é construído o enunciado. Ainda assim, palavras como: dor, angústia, horror, indignação são as que carregam em si o significado emotivo, mas será a situação social que determinará tal efeito almejado.

Nesse mesmo sentido, há palavras que não carregam em si o efeito emotivo, mas conjugadas a outras transmitem a intencionalidade discursiva causando o efeito desejado no auditório. As palavras “vítima” e “assassino” mudam suas cargas patêmicas se vierem estampadas numa manchete de jornal e delas acrescidas crianças, idosos ou animais de estimação. Já esses mesmos termos são parte de brincadeira comum aos anos 80, chamado Vítima, Assassino e Detetive, esvaziam-se em significado, antes causador de comoção social.

Cabe ainda ressaltar que além de os fatores que auxiliam na estratégia patêmica discursiva, além das já mencionadas tópicas e situação sociodiscursiva, há também o sujeito comunicante ser portador de certa carga emotiva em seus enunciados. Ele deve, então, não apenas estar em estado emocional alterado, ou seja, colérico, indignado, compadecido, mas parecer ao seu auditório tal coisa. Quanto mais convincente for sua máscara social assumida no momento da enunciação, maior também será a adesão de seu interlocutor.

Assim sendo, os elementos apresentados são partes fundamentais para adesão do interlocutor ao enunciado. Não apenas isso, eles são essenciais aos efeitos que se pretende causar no destinatário. Seja comoção, indignação ou repulsa, essas emoções são parte da encenação discursiva com propósitos antes de tudo persuasivos- argumentativos que seguem o caminho da patêmico para atingir os objetivos antes previstos pelo EU enunciadore.

4. Seleção lexical e pathos

4.1. Análise mórfica

Ao iniciarmos nosso trabalho, consultamos, primeiramente, os dicionários mais tradicionais em relação às pesquisas de palavras novas incorporadas à língua portuguesa. Por esse motivo, pesquisamos a vigência dos aparentes neologismos *feminazi*, *feminazismo*, *gayzista* e *gaynazista* nos dicionários Aurélio (2010) e Houaiss (2015). Fizemos essa consulta para justificar a afirmação acerca delas serem nomeadas como neologismos.

Nessa consulta, como já esperado, não encontramos registros de ambas as palavras, apenas aquelas que seriam suas matrizes, as palavras: feministas e feminismo para análoga *feminazi* e *feminazismo*. Isso confirma a tese de Valente (2012) de que muitos neologismos são em parte uma relação de analogia com as palavras primitivas.

Consultamos também, esses mesmos vocábulo no VOLP online (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*). Da mesma maneira que anteriormente, não foi encontrado nenhum registro de tais palavras no vocabulário da Academia Brasileira de Letras. O que também confirma o fato desses elementos não estarem incorporadas oficialmente ao léxico, mas apenas fazerem parte do cotidiano popular em diversas dimensões.

Os neologismos confirmados foram usados no título e corpo da reportagem de Reinaldo Azevedo do dia 23/09/2015, que transcrevemos abaixo: “Patrulha gayzista e feminazi chega ao Colégio Pedro II, uma instituição federal”.

As palavras em apreço: *gayzista*, *gayzista*, *feminazi* e *feminazismo* são, como já dito, os neologismos análogos às palavras já incorporadas ao léxico. Para *gayzista* e *gayzismo* apenas uma das origens é possível, a priori, a palavra inglesa *gay*. Já *feminazi* e *feminazismo*, podem ter tido sua origem em “feminismo” e “feminista”.

Ao nos atemos aos compostos percebemos que este neologismo além de serem originados analogamente a outro, é também um composto morfológico denominado por Henriques (2011) como *cruzamento morfológico*. Este processo consiste em usar, nas novas criações, parte inicial de uma palavra e o final de outra. Assim, para Henriques (2011), “feminazi” e “gayzista” seriam um processo por derivação ou composição, o que suscita o questionamento de quais seriam as outras duas palavras que

participariam da criação, também cedendo parte da palavra como base lexical? Facilmente chegamos ao vocábulo “nazista”, pois a partir de “nazi” que chegamos a essa conclusão de que a palavra original tenha sido dividida em das partes para atender à demanda solicitadas posteriores. Notemos, também, que a produtividade neológica carece nessa formação de mesma palavra-base para ambos os neologismos, o que já podemos sugerir a necessidade expressiva de tal formação.

Em *feminazi*, por exemplo, uniu-se a base *femin* + *nazi*. Nesse composto, talvez por arbitrariedade do falante, a 2ª base lexical a ser usada não foi a última, mas a primeira. Isso, provavelmente, por ser o sufixo “ista”, já fazer parte da palavra matriz. Há também de se perceber que a aglutinação do “n” final de radical mais “n” inicial da base “nazi”, confirmando então as palavras de Henriques (2011).

Quanto à *feminazismo*, a palavra de segundo elemento da composição neológica não foi suprimida como nos critérios estabelecidos por Henriques (2011). Nesse caso, apresenta-se composição nova do processo cruzamento morfológico. Manteremos tal classificação, pois o radical *femin* não sofreu alteração na estrutura. Além disso, a realização da composição manteve-se a mesma que no exemplo anterior.

O elemento *gayzista*, também, pertence à classificação dada por Henriques (2011): *cruzamento morfológico*, mas este segue à risca as descrições do autor, pois para sua formação uniu-se as bases “gay” da primeira palavra e a base “zista”, segunda na formação da palavra “nazista”.

Já em *gayzimo* a origem do segundo elemento é análogo à palavra *nazismo*. Acreditamos essa analogia devido aos demais compostos, como por exemplo, *feminazismo*. O cruzamento morfológico, no entanto, não fica tão aparente como nos demais vocábulos.

Outros neologismos também são usados durante o artigo de Reinaldo Azevedo como, por exemplo, “alunxs”, “medicxs”, “dxs” e “xs”. Esses, porém, não serão nosso objeto de estudo por representarem outras categorias morfológicas também, a categoria de gênero. Pois, dessa forma, o debate proposto se estenderia por outro viés que não apenas as criações neológicas e suas expressividades.

Na próxima sessão, discutiremos a subjetividade emotiva intrínseca à produtividade na formação de palavras. E também como a emoção no discurso pode estar atrelada às escolhas linguística, mais precisamente

na formação e no uso de neologismos no discurso jornalístico.

4.2. Contexto discursivo:

Como proposta de trabalho, separamos um artigo de Reinaldo Azevedo, jornalista da revista *Veja Online* cujo artigo foi publicado em Reinaldo Azevedo 23/09/2015 às 2:26. Este artigo foi causador de grande fervor nas redes sócias ao ser publicado, tanto pela temática que abrange não apenas o ponto de vista do autor como também as escolhas lexicais adotadas por ele.

Separamos a seguir trechos identificados, não somente as palavras selecionadas por esse jornalista, como os neologismos, mas também o contexto discursivo para que, dessa maneira, possamos ilustrar melhor nossa visão até aqui.

O jornalista trabalha sua análise apoiado na discussão a respeito da categoria de gênero no português, mas nosso objetivo aqui não é discutir tal assunto, mas nos pautar na criação neológica. Ele tenta através de demonstração de pareceres da gramática tradicional argumentar em favor de seu ponto de vista, mais que isso, usa a tópica da antipatia para acusar o uso dos termos com supressão das desinências de gênero. Para isso, usa substantivos neológicos para acusar seus opositores textuais. Vejamos, então, como se dá a expressividade da formação de palavras em prática, apresentado pelo inflamado artigo ideológico do Jornalista.

4.3. Tópica da emoção:

4.3.1. Uso do saudosismo

*Ah, Colégio Pedro II, de tão gloriosas tradições!!!
Que mal o acometeu?*

O uso da interjeição grifada seguida da expressão “de tão gloriosa tradição” anuncia ao leitor um saudosismo aparente e exposto pelo enunciador que adiante marcará seu posicionamento contrário à ruptura com as tradições e costumes estabelecidos até então.

Também podemos salientar nessa introdução de Azevedo o uso do vocativo que de forma intertextual alude a Luiz de Camões como patrono de uma língua portuguesa pura e imaculada como nos tempos do poeta. Note-se que há a crença leiga de que o poeta era detentor de uma língua

sem interferências ou variações.

4.3.2. *Imaginário coletivo:*

*A escola federal, informa o jornal O Globo, já está submetida à **ditadura** das patrulhas dos grupos gays e feminazis, que pretendem, atenção!, “suprimir o gênero” das palavras.*

Nesse trecho, note-se o uso da palavra “ditadura” foi intencionalmente inserida anteriormente às palavras “gays” e “feminazis”. Esse elemento não apenas nos traz à lembrança o sentido de imposição de algo à força, mas sobretudo, traz à lembrança os anos de horror vividos pela sociedade brasileira. Aqui, portanto, o *pathos* se apoia em dados históricos para surtir efeito esperado no interlocutor.

Também devemos ressaltar o uso, pela primeira vez, no corpo do texto do neologismo “feminazis”. Esse seguindo à “ditadura” completam o efeito expressivo proposto de emoção por meio do imaginário coletivo de uma sociedade que não possui recordações felizes nem a respeito de ditadura ou quiçá com relação a qualquer referência ao nazismo, carregada no segundo radical de “feminazis”.

4.3.3. *Interlocução*

*Você vai falar com médicos e médicas? Então, **meu amigo**, você está se dirigindo a “*médicxs*”. O grupo consonantal nem tem expressão sonora possível em português. Mas e daí.*

Nesse trecho, o aposto confere ao texto maior proximidade ao leitor. Agora, então está estabelecido o parceiro comunicativo. Este não é mais um ser pressuposto, ele se materializa no aposto “meu amigo”. Além disso, também revela o ponto de vista de seu enunciado; já que há a defesa da não bipartição de gênero gramatical. O uso do substantivo “amigo”, ou seja, gênero neutro atribuído ao leitor de sua coluna, representado pelo masculino da desinência de gênero “o” vem reforçar tal ideia.

4.4. Tópico da antipatia

4.4.1. Uso de nomes pejorativos

1- A **boçalidade** é de tal ordem que, no tal comunicado, lê-se o seguinte:

2- A entrada dos alunxs do turno da tarde”... Ora, “dos” é a contração da preposição “de” com o artigo definido, masculino e plural “os”. Logo, a se levar a cabo a **estupidez**, dever-se-ia escrever “a entrada dxs alunxs.

Os elementos grifados “boçalidade” e estupidez”, nos trechos em destaque, conferem ao texto a menção à tópica da antipatia que anteriormente mencionada. O uso dessa seleção lexical sugere a avaliação do enunciado contra os opositores mencionados: gayzistas e feminazi.

Ao tratar como boçalidade e estupidez as atitudes de quem denuncia, o sujeito enunciadador acusa de transgressor das regras sociais e de quebra desse contrato que estariam tácitos ao seu ver. Esse sujeito confere a si um algoz, perseguidor daquele que estaria cometendo um crime. Nesse caso, crime contra a língua portuguesa.

4.4.2. Neologismos

1- Ora vejam! Os nossos **gayzistas** e as nossas **feminazis** se preocuparam com o “a” e com “o” dos substantivos e adjetivos, mas se esqueceram dos artigos.

2- Infelizmente para o **gayzismo** e para o **feminazismo**, não temos o “the”, do inglês, como artigo...

3- Até porque o **gayzismos** e o **feminizanismo** representam apenas a si mesmos.

A tópica da antipatia se completa com a inserção dos esperados neologismos, propostos como objeto de estudo deste trabalho. Ao selecionar as escolhas acima grifadas, os elementos “gayzista, feminazi, gayzismo e feminazismo” concluem a acusação pretendida pelo enunciadador, que desde o início do seu texto, propõe a delação de crimes contra a língua.

Mais do que isso, o sujeito da enunciação propõe, com o novo léxico uma avaliação sua a respeito desses elementos. Além disso, constrói

com sua plateia, isto é, seu leitor, chamado de amigo, uma relação de repulsa à bipartição dos gêneros. Esta é provocada pela união de radicais repletos de carga semântica negativa aos olhos da sociedade atual. Ao unir: *gay+ ista; femin+ nazi; gay + ismo e femin+ nazismo* seleciona e cria tais componentes lexicais novos.

O sujeito enunciador, portanto, que também é um sujeito social, pretende, com esses vocábulos, marcar seu ponto de vista a respeito de algo ou alguém. Nesse caso, não é sobre algo pequeno como as categorias de gênero que há são muito discutidas por grandes mestres, mas a respeito do gênero social dos indivíduos.

4.4.3. Marcas de enunciação

A ideologia de gênero, que tenta se impor na porrada nas escolas, sob o patrocínio do petismo e de esquerdismos ainda mais mixurucas, é que tem de ser combatida.

O uso da expressão grifada pode ser considerado de caráter pessoal e uma marca de subjetividade do enunciador no discurso; já que além de pertencer à categoria informal da língua, pois pode ser classificada como gíria, é também restrita a determinados grupos e indivíduos em específico.

Outro ponto de relevância que podemos destacar nesse excerto são outros neologismos utilizados pelo enunciador: “petismo” e “esquerdismo”. Aqui revela-se outro objeto de acusação do enunciador por meio das escolhas lexicais. A motivação para essa construção lexical está na oposição política que o sujeito enunciador deseja esclarecer. Assim também, este posiciona lugares sociodiscursivos e papéis a serem adotados pelos parceiros no jogo comunicativo.

Dessa forma, ao estabelecer tais papéis, o enunciador marca seu ponto de enunciação e persuade por meio dos elementos lexicais criados; já que eles revelam não somente sua face discursiva, mas também, sua face social.

Muitas outras questões poderiam ser abordadas a respeito desse texto, como as ideologias a serem transmitidas; a ironia utilizada como recurso expressivo; os papéis sociais atribuídos ao enunciador, ao interlocutor e aos sujeitos perseguidos no discurso; o suporte de veiculação como forma de organizador discursivo e gênero textual e, por fim, as es-

estratégias argumentativas adotadas durante o artigo.

Tentamos, no entanto, nos focar apenas no contexto discursivo e a produtividade neológica para provar nossa hipótese de que as criações vocabulares são intencionais e estão subjugadas à intenção do falante e do efeito patêmico que se deseja causar no destinatário.

5. Conclusão

Nesse trabalho, propomo-nos a discutir a produtividade neológica e sua possível motivação. Para isso, abordamos pensamentos diversos a respeito do assunto como as de André Valente, Cláudio Cezar Henriques, Ieda Maria Alves. Usamos também como suporte as pesquisas de Carlos Alexandre Gonçalves e Margarida Basílio, pois ambos são especialistas no que tange os conceitos sobre a formação de palavras.

Abordamos, também, as possíveis situações de produtividade neológica, bem como algumas classificações a esse respeito. Adotamos, no entanto, a perspectiva de Henriques (2011) quanto à classificação para os neologismos encontrados. Isso porque sua teoria se enquadra melhor à nossa proposta. A união, pois, de radicais, tomando a primeira parte do elemento lexical e a segunda do segundo elemento lexical são as formas atuais e mais comuns de criação neológica. Elas são tão frequentes porque o processo de composição é mais simples quando os propósitos são intencionais discursivos.

Na segunda seção, a criação e ampliação lexical foram debatidas e concluímos que elas estão sob julgo das intenções da enunciação e apoiadas nos objetivos do sujeito. Assim a interação comunicativa pode produzir novos itens lexicais e demonstrar não apenas a intencionalidade do falante, mas também, aspectos da subjetividade do enunciador. Esses aspectos podem, muitas vezes, ser representados pelo conhecimento de mudo e costumes partilhados socialmente.

Outra questão que deve ser destacada ao cabo desse trabalho é a formação de novas palavras, sendo elas neológicas ou não. Ao se disporem em um texto, principalmente, em textos escritos, pertencerão ao mesmo campo semântico ou ao mesmo objetivo discursivo. Isso significa que, os itens lexicais não sendo pertencentes ao mesmo campo semântico, como: cadeira, sofá, poltrona, por exemplo, eles possuirão, necessariamente, um objetivo comum; portanto, aproximação semântica é determinada pelo contexto, como nos exemplos *gayzista e feminazis*. Esses

compostos, nas suas formações, antes pertencentes à outra realidade, agora são pertencentes ao campo de ditadura, patrulham e nazismo.

Finalmente, devemos dizer que as escolhas nas diversas formas discursivas serão sempre intencionais, então, não fugirão a esta regra a criação de novos compostos lexicais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.

AZEVEDO, Reginaldo. Blog do jornalista Reginaldo Azevedo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral>>. Acesso em: 23-09-2015.

BASÍLIO, Margarida. *Formação da classe de palavras no português do Brasil*. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CHARAUDEU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. *As emoções no discurso*, vol. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 4. reimpr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

HOUAISS, Antônio. *Novo Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2015.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. Rio de Janeiro: Ática,

2011.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, Emília e MACHADO, Ida Lúcia. *As emoções no discurso*, vol. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

VALENTE, André. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

Anexo:

Patrulha gayzista e feminazi chega ao Colégio Pedro II, uma instituição federal

Reinaldo Azevedo 23/09/2015 às 2:26

Ah, Colégio Pedro II, de tão gloriosas tradições!!! Que mal o acometeu?

A escola federal, informa o jornal O Globo, já está submetida à ditadura das patrulhas dos grupos gays e feminazis, que pretendem, atenção!, “suprimir o gênero” das palavras no singular ou no plural quando elas designarem tanto homens como mulheres. Assim, no lugar do “o” e do “a”, entra uma letra “x”.

Você vai falar com médicos e médicas? Então, meu amigo, você está se dirigindo a “médicx”. O grupo consonantal nem tem expressão sonora possível em português. Mas e daí? Os militantes, como sabemos, podem mudar até a gramática. A matemática..., bem, essa eles já mataram faz tempo.

Num comunicado do colégio, os “alunxs” recebem instruções especiais em razão de uma reforma no prédio. As provas também trazem o espaço para que o “alunx” coloque o seu nome.

A boçalidade é de tal ordem que, no tal comunicado, lê-se o seguinte: “A entrada dos alunxs do turno da tarde”... Ora, “dos” é a contração da preposição “de” com o artigo definido, masculino e plural “os”. Logo, a se levar a cabo a estupidez, dever-se-ia escrever “a entrada dxs alunxs”.

Ora vejam! Os nossos gayzistas e as nossas feminazis se preocuparam com o “a” e com “o” dos substantivos e adjetivos, mas se esqueceram dos artigos. Como se fará no caso dos substantivos comuns de dois gêneros? Quando nos referirmos a estudantes homens e mulheres, escreveremos “dxs estudantes”?

Infelizmente para o gayzismo e para o feminazismo, não temos o “the”, do inglês, como artigo...

Isso é de uma estupidez sem limite. De resto, se formos proceder a um estudo das origens latinas do gênero em português, muita coisa se explicará pela evolução da língua e nada têm de discriminação de gênero.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A ideologia de gênero, que tenta se impor na porrada nas escolas, sob o patrocínio do petismo e de esquerdismos ainda mais mixurucas, é que tem de ser combatida. Até porque o gayzismo e o feminizanismo representam apenas a si mesmos. Não são expressões da vontade nem dos gays nem das mulheres.

A propósito, a gente diz “os gays” ou “xs gays”?

Fonte: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/patrolha-gayzista-e-feminazi-chega-ao-colegio-pedro-ii-uma-instituicao-federal>>.